Erradicar o mutismo do homem brasileiro

José Marques de Melo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MELO, JM. *Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet* [online]. Campina Grande: EDUEPB; Latus, 2011. 108 p. ISBN 978-85-63984-07-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Erradicar o mutismo do homem brasileiro⁴

Mandam os tratados de eloquência que, em solenidades dessa natureza, o homenageado faça uma alocução de agradecimento. E conclua com uma peroração de encorajamento.

47

Cumpro o ritual, expressando minha gratidão à Universidade Positivo pela outorga do título de Doutor Honoris Causa, que muito me sensibilizou, por ser este o primeiro diploma honorífico que a instituição concede.

Mas, peço permissão para quebrar o protocolo. Sinceramente, não posso deixar de fazer uma confissão pública. Quando a professora

4 Discurso proferido na solenidade de outorga do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Positivo – Curitiba, Paraná – dia 7 de maio de 2010.

Elza de Oliveira me telefonou comunicando que meu nome fora consensualmente sugerido pelo corpo docente do Departamento de Comunicação e o Conselho Universitário homologou a proposta, por unanimidade, meu sentimento foi ambíguo.

Fiquei a um só tempo orgulhoso e surpreso. E me perguntei: por que a mais jovem e uma das mais arrojadas universidades brasileiras me torna merecedor de tanta generosidade?

48 Nas ocasiões em que recebi títulos dessa natureza, eu me senti gratificado pelos serviços prestados às instituições outorgantes. Mas, neste caso, faltavam-me indicadores para balizar a iniciativa e para esboçar meu reconhecimento.

Afinal de contas, eu aqui estivera uma única vez, como conferencista de um seminário promovido em parceria com a revista IMPRENSA. E retornara no ano passado para selar o compromisso da INTERCOM, sediando neste campus o XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Curioso, inquiri uma pessoa amiga, que não pertence ao corpo docente da instituição. Lembrei que geralmente a outorga de títulos honoríficos é proposta por ex-alunos do homenageado. E eu francamente não os identificava aqui. Contava, é certo, com colegas e amigos.

A pessoa me tranquilizou, com simplicidade e firmeza. Argumentou claramente: o senhor está equivocado. Pois, a grande maioria dos docentes da Universidade Positivo, na área de comunicação, tem-lhe na condição de mestre. Se não frequentaram formalmente suas aulas, aprenderam as lições da literatura acadêmica. Os livros que o senhor escreveu eles consultam para preparar as aulas dadas aos seus alunos.

Fiquei perplexo, pois nunca avaliara o impacto dos livros que venho publicando há 40 anos. Mesmo tendo consciência de que sua circulação não pode ser dimensionada apenas pelo volume de exemplares vendidos.

Comecei imediatamente a pensar sobre o papel desempenhado pelos professores universitário, bem como sobre o lugar que os livros ocupam nos processos de ensino-aprendizagem. Nenhum momento melhor que este, para externar tais reflexões.

49

Pertenço à última geração cronologicamente gutenberiana deste país. Ou seja, aquela nutrida pela fruição da palavra impressa. O livro foi a principal fonte cognitiva a que recorreram os meus contemporâneos para formar o repertório cultural que nos tornou cidadãos. Participamos daquela revolução cultural descrita por Marshall McLuhan no livro que o consagrou academicamente *A Galáxia de Gutenberg*.

Sua tese é a seguinte: a imprensa liberta o homem da servidão intelectual a que estava condenado pela civilização oral. A circulação dos impressos portáteis, como o livro e o jornal, acarretou mudanças radicais na vida cotidiana. Além de haver respaldado o nacionalismo, fomentando as literaturas em vernáculo, tais suportes cognitivos estimularam a liberdade de pensamento e o espírito de crítica, indissociáveis do ato da leitura particular, tranquila e silenciosa.

50 A geração que nasceu, a partir dos anos 50 do século XX, foi gradativamente moldada pelos parâmetros da civilização audiovisual. Estabelecidos pela hegemonia do rádio e da televisão, estes sinalizam o retorno à vida tribal. Só que em proporções gigantescas, configurando aquela metáfora da “aldeia global” que McLuhan sugere, no seu livro mais polêmico *Os meios de comunicação como extensões do homem*.

Presenciamos agora a emergência de uma nova geração. Embora gravitando em torno de plataformas moldadas pelo som e pela imagem, ela começa a libertar-se do determinismo audiovisual. Este, sendo produto da convergência tecnológica, facilita o acesso às matrizes gutenbergianas. Enseja, também, a reativação de fenômenos potencialmente transformadores. Como o ressurgimento dos nacionalismos e regionalismos. Além do fortalecimento da privacidade e do exercício da consciência cidadã.

Trata-se de processo fascinante, porque escancara as portas do multiculturalismo. Permite, não apenas às nações, mas também às regiões e às comunidades, participar ativamente do movimento civilizatório nutrido pela utopia de que um “outro mundo” é possível. Cabe-nos, portanto, lutar pela sua construção.

É justamente nesse contexto que desejo regressar ao meu ponto de partida – o do magistério bibliográfico, que, em certo sentido, motivou este ato solene.

Venho dando asas à imaginação, ao tomar como referência minha estreia na órbita gutenberiana. Isso ocorreu há quase meio século. A distância temporal permite comparar com o presente, vislumbrando o meu ocaso, que se aproxima.

51

Quando publiquei meu primeiro livro, há 40 anos, nunca cogitei que teria uma trajetória excepcional. Com o selo da já então prestigiada Editora Vozes, *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (Petrópolis, 1970) inaugurou a série de obras dedicadas ao campo das ciências da comunicação, então emergente nas universidades brasileiras. Esse livro repercutiu de tal modo, passando a ser adotado como livro-texto em todo o território nacional. Foram lançadas 6 edições consecutivas, totalizando aproximadamente 20 mil exemplares. Considero-me,

portanto, o autor do primeiro *bestseller* brasileiro do campo comunicacional.

Na sequência, lancei outro livro, da mesma natureza – *Jornalismo Comparado*, com o selo da Editora Pioneira de São Paulo (1972). Baseando-se no êxito alcançado pelo meu livro inicial, o editor arriscou. Ousadamente, ele imprimiu 9 mil exemplares.

Obras posteriores, entre elas, *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento* (Vozes, Petrópolis, 1971) e *Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação* (Petrópolis, Vozes, 1976) alcançaram mais de uma edição, vendendo milhares de cópias.

52

Hoje, o panorama é completamente diverso. Quando lançam obras de mil exemplares, os editores afirmam que se trata de operação de risco. A maioria prefere publicar 500 ou 300 exemplares. Providenciam a reimpressão se a demanda reagir positivamente.

Sou autor de quase meia centena de livros sobre comunicação e mais de uma centena de outras obras em que atuei como organizador ou autor de capítulos. E fico sempre espantado com as baixas tiragens. Mais do que isso, com os escassos índices de vendagem e consequentemente de leitura.

É verdade que os tempos são outros. Constatamos a existência de mais de mil

unidades de ensino superior que oferecem cursos de comunicação, em todo o país. Se o público potencial de obras dessa natureza cresceu exponencialmente, aumentou também o contingente de autores. Só para lhes dar uma ideia dessa explosão editorial: no ano passado, durante o congresso da Intercom, foi lançada, no campus desta universidade, mais de uma centena de títulos novos, escritos por diferentes autores.

Admito, no meu caso particular, que começava a perder o estímulo na preparação de novos livros, em face da redução das tiragens lançadas pelos meus editores. Escrever para quem?

53

É voz corrente nas universidades que o estudante brasileiro não lê, pouco se interessa pela leitura. Quando muito, limita-se a capítulos de livros xerocopiados ou a textos de livre acesso na internet.

Trata-se de tendência comprovada por todos nós? E, se confirmada, não podemos interpretá-la com olhar apocalíptico. Como enfrentar ou reverter a situação?

A outorga do título de Doutor Honoris Causa com que a Universidade Positivo me honra, nesta ocasião, eu a tomei como incentivo para prosseguir na labuta docente, na sala de aula, mas também para exercitar o magistério bibliográfico de modo diferente.

Fico lisonjeado ao saber que mereço a atenção e o interesse dos colegas professores de comunicação da Universidade Positivo. Mais do que isso: estou emocionado com a homenagem que me prestam espontaneamente.

Se os alunos desta universidade ainda não são leitores habituais dos livros que venho escrevendo, sinto-me recompensado pela difusão das minhas ideias na sala de aula, mediadas pelas leituras que delas fazem os seus professores. Estes se encarregam de lhes repassar o conteúdo e certamente de torná-lo mais atraente do ponto de vista didático.

54 Como retribuição, prometo continuar escrevendo e publicando, enquanto tiver forças. Trata-se de um gesto de reconhecimento pela honra que me concedem.

Da mesma forma, pretendo revisar minha estratégia pedagógico-editorial, na tentativa de estabelecer comunicação direta com os jovens estudantes. Até hoje, permaneci fiel ao suporte impresso, socializando conhecimento através do livro convencional. Declaro solenemente que estou me reciclando. Estou buscando conhecimento tecnológico para discernir as potencialidades da convergência midiática ensejadas pela digitalização.

Quem sabe, navegando em torno da órbita digital em que está situado o planeta de Bill Gates, retomo meu diálogo direto com a juventude.

Isso, sem abandonar a Galáxia de Gutenberg, que continua a ser porto seguro. Especialmente para os que pretendem usufruir os benefícios essenciais da libertação intelectual a que se referia McLuhan. Ele recomendava preservar o individualismo inerente à leitura silenciosa, estimulando o espírito crítico decorrente da leitura pausada, reflexiva e privativa.

Trata-se de privilégio que pode ser confundido com o individualismo cognitivo. Mas que traduz verdadeiramente o sentido humanizador percebido por Paulo Freire.

Ao reivindicar uma leitura crítica do mundo e não apenas da palavra, o educador pernambucano pretendia dar passo decisivo para erradicar o mutismo do homem brasileiro.

55

Sonhando com a eliminação radical da “pedagogia do oprimido”, Paulo Freire não perdia a esperança de testemunhar a ação decisiva de cidadãos conscientes. Homens e mulheres motivados pelo conhecimento e habilitados pela argumentação, intervindo no espaço público para instaurar uma “pedagogia da libertação”.

Uma pedagogia dialógica, capaz de dar voz e vez aos que nunca passaram de figurantes “bestificados” da cena nacional.